

RESENHA

UM CONTO chinês. Direção: Sebastián Borensztein. Produção: Axel Kuschevatzky, Ben Odell, Gerardo Herrero, Juan Pablo Buscarini, Pablo Bossi. Argentina, Espanha: Pampa Films, Tornasol Films e Telefe, 2011. 1 Blu-Ray (100 min.), son., color.

Guilherme de Castro Moraes Gomes¹

Letícia Cunha Braga²

Luísa Ferreira Lopes³

Thalia Nogueira Mutuana⁴

“Para mim, é muito difícil lidar com certas coisas, sabe?” É como o personagem argentino Roberto define-se brevemente em um dos diálogos no filme “Um conto chinês” (2011). Na casualidade da vida, ele encontra Jun, um chinês perdido em Buenos Aires à procura de um familiar, após sofrer uma tragédia inusitada — detalhes à frente. No decorrer da história, esbarrões culturais são mostrados, incitando uma discussão Semiótica da Cultura⁵. Comunicação limitada por deduções, onomatopeias e gestos é o princípio das diversas questões trazidas pelo filme.

¹ Estudante de Letras no Instituto Federal Fluminense (IFF Campos Campus-Centro). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Guilherme de Castro Moraes Gomes\) \(cnpq.br\)](#)

² Estudante de Letras no Instituto Federal Fluminense (IFF Campis Campos-Centro). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Letícia Cunha Braga\) \(cnpq.br\)](#)

³ Estudante de Letras no Instituto Federal Fluminense (IFF Campos Campus-Centro). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Luísa Ferreira Lopes\) \(cnpq.br\)](#)

Email: luflopes35@gmail.com

⁴ Estudante de Letras no Instituto Federal Fluminense (IFF Campos Campus-Centro). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Thalia Nogueira Mutuana\) \(cnpq.br\)](#)

Email: thaliamutuana@gmail.com

⁵ A Semiótica da cultura é uma disciplina a qual foi elaborada por pesquisadores da antiga União Soviética na Escola de Tártu-Moscou com o objetivo de discutir a construção sócio-cultural da cultura. Para Lotman, a função essencial da cultura “consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade; cria ao redor do homem uma sociocultura que, como a biosfera, possibilita a vida, não orgânica, obviamente, mas de relação.” (LOTMAN, 1996, p. 78).

Roberto, além de ranzinza e sistemático por natureza, é um ex-soldado da guerra de Malvinas, entre Argentina e Inglaterra, na qual conquistou feridas mentais e emocionais. Por esse embate violento, que descobrimos apenas no final da trama, podemos apontar que há ressentimentos diante da cultura inglesa pairando na vida do personagem. Essa bagagem histórica do personagem Roberto esclarece muitas falas que podem parecer aleatórias e apenas provocativas no instante, mas que são provas da repulsão cultural, ou seja, da falta de interesse em criar dinamismo interacional entre sistemas culturais, semiosferas diferentes.

Recusar pregos ingleses como brinde para a sua loja de ferramentas, evitar e criticar comidas importadas – como carne bovina pelo risco da doença vaca louca, oriunda da Inglaterra, e batatas cozidas enlatadas (seriam batatas-inglesas?) – são comportamentos que revelam o bloqueio fronteiro semiótico do personagem. A fronteira pode ser interpretada como “um conjunto de pontos pertencentes simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior” (LOTMAN, 1996, p. 24). Dessa forma, a fronteira serve como um ‘filtro’ de decodificação, ela traduz mensagens externas, pertencentes a outras semiosferas, para interpretá-las de maneira adaptativa em nossa linguagem (ibidem).

São, por isso, os atritos e confrontos de semiosferas diferentes que, na perspectiva das relações dialógicas, definem o caráter da própria cultura (LOTMAN, 1996). Levando em consideração os desentendimentos resultantes do choque cultural exposto no filme, torna-se um dos cerne de “Um Conto Chinês” o método com o qual os personagens Roberto e Jun encontram de estabelecer comunicação, visto que são falantes naturais de idiomas completamente distintos. A relação dialógica entre o argentino e o chinês é realizada por meio de algumas gesticulações e onomatopeias.

A exemplificar, há uma cena na qual ambos os personagens sentam-se à mesa para jantar. Roberto aponta para o alimento no prato e depois leva as mãos à boca, maneira de indicar a Jun que deveria e poderia comer. O diálogo, conforme afirma Bakhtin (2012), é a forma de interação verbal mais essencial, contudo, “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 2012, p.

117). Nesse sentido, percebe-se que, embora os personagens não conseguissem oralizar seus desejos e ideias devido à barreira idiomática, estavam instituindo um diálogo por meio das onomatopeias.

Nota-se que, em certas ocasiões do filme, a língua natural foi fundamental para o processo de comunicação. Porém os personagens possuíam logosferas – “o reino da palavra, porta-voz da informação semiotizada e nascente da cultura” (MACHADO, 2010, p. 163) – distintas, o que impedia a comunicação direta entre eles. Logo, para que tal processo ocorresse, foi necessário a presença de tradutores, como o entregador de comida, que funcionou como um mediador da interação ao fazer a tradução entre as fronteiras, ou seja, facilitando a “transformação de mensagens no processo de sua transferência” (LOTMAN, 1996, p.18).

No desenvolvimento da obra, outros aspectos semióticos podem ser percebidos. Uma parte dos diálogos entre Roberto e Jun é realizada por meio de expressões corporais, já que não dominam o mesmo código linguístico. Por meio da interpretação desses sinais e aspectos corporais, o telespectador é capaz de entender e interpretar as cenas, visto que “a língua não é um modelo a ser seguido, mas uma possibilidade de produzir conhecimentos geradores de *modus operanti* capazes de funcionar como linguagem” (MACHADO, 2010, p. 161).

O interesse dessa obra cinematográfica claramente não está só no verbo, na linguagem falada, enfatizando que o texto, para a Semiótica da Cultura, é tudo o que carrega informação e “não resulta de um único código” (MACHADO, 2013, p. 66). Há, à vista disso, uma construção cuidadosa nos trejeitos dos personagens, de forma que a figura do Jun, que poderia ser vista como cômica e engraçada por expressar-se em seus semblantes e portes caricatamente, é capaz de emocionar.

Considerando a definição de cultura de Iuri Lotman (1979), como sendo “o conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem” (LOTMAN, 1979, p. 31), o impasse entre Roberto e Jun, em relação à interação social, é esperado. Por serem inseridos em coletividades diferentes, usam expressões faciais, gesticulações, onomatopeias e tradutores para romperem as fronteiras de suas devidas semiosferas, fornecendo informações em porções, capacidade que

Lotman (1996) classifica como “lei universal dos sistemas dialógicos” (LOTMAN, 1996, p. 18).

Nesse sentido, cabe esclarecer que o conceito de “dialogismo” surge a partir dos estudos filosóficos da linguagem, com os pensamentos e reflexões de Bakhtin (1895-1975) sobre as relações de interação as quais produzem o diálogo. O pesquisador chegou a conclusão de que o diálogo é uma força da consciência responsiva, quando apontou as diferenças entre o mundo da mecânica e o mundo das interações dialógicas. (MACHADO, 2010). Logo, a linguagem está no lugar das transformações dialógicas as quais são incentivadas pelas interações realizadas nos sistemas culturais.

Sendo assim, a obra cinematográfica analisada é altamente semiótica, apuração feita a partir do cruzamento de ações e cenas da película com conceitos da Semiótica da Cultura. A fronteira da semiosfera pode expelir inicialmente culturas diferentes, aspecto esse que traz em pauta também: o etnocentrismo, isto é, julgamentos e rejeição de povos inseridos em outras culturas que diferem dos padrões da própria sociedade, sendo esses povos alvos de discriminação e estatuto de inferioridade (MENESES, 2010); a utilização de linguagem não verbal para suprir o embate dos sistemas modelizantes primários diferentes; o dialogismo desempenhando função de traçar ambas culturas a partir do que há de diferente entre elas, norteando-as para uma adaptação às necessidades enfrentadas e elaboração de maior complexidade para uma tradução das mensagens; e entre outros apontamentos anteriores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (Volochnikov). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Michel Lahud et al. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto*. Tradução de Desiderio Navarro. Valencia: Frónesis Cátedra de la Universitat de Valencia, 1996.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, B. (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. *Revista USP*, São Paulo, n.86, p. 157-166, 2010.

MACHADO, Irene. Pensamento semiótico sobre a cultura. *Revista USP*, Vitória, v. 2, n. 2, p. 60-72, ago. 2013.

MENESES, Paulo. Etnocentrismo e relativismo cultural. Síntese: *Revista de Filosofia*, v. 27, n. 88, 2010.